

## SOCIEDADE

## Segurança ainda preocupa periferia de SP, aponta Unicef

Situação atual é ruim ou péssima para 58% dos moradores de 55 comunidades

## Rodrigo Burgarelli

O mais recente estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em São Paulo constatou um enorme contraste entre a sensação de insegurança nas comunidades carentes e o incentivo familiar aos estudos e à formação profissional dos jovens. A pesquisa *Plataforma dos Centros Urbanos* é uma espécie de raio X da percepção das condições de vida de crianças e adolescentes residentes em 55 bairros de alta vulnerabilidade social da capital e de Itaquaquecetuba.

No total, 4.331 pessoas – entre jovens, moradores, lideranças e autoridades governamentais – foram entrevistadas para opinar sobre temas como saúde, educação, violência e políticas públicas em sua própria comunidade. De longe, segurança foi o item mais mal avaliado no apanhado global das respostas.

Mais da metade dos entrevistados adultos (58%) considerou a situação atual ruim ou péssima e ainda mais gente (70%) afirmou que a segurança está estável ou piorando. Entre as perguntas desse item, o destaque negativo ficou com o relacionamento entre a comunidade e a polícia: a nota, 2,9, numa escala de zero a dez, foi a pior de todos os tópicos que compunham o questionário.

O que talvez impressione quem pensa que a violência nas periferias começa dentro de casa foi a boa avaliação feita pelos próprios adolescentes do seu relacionamento com seus responsáveis. Entre os itens de qualidade de vida mais bem avaliados pelos jovens estão a importância dada pelos pais à escola (9), seu incentivo para que os filhos aprimorem a formação profissional (8,2) e a segurança no ambiente familiar (8).

“A gente imagina que a situação nessas famílias é muito pior do que de fato ela parece ser, na opinião dos próprios adolescentes. É importante percebermos que eles valorizam a família”, explica a coordenadora do Unicef em São Paulo, Anna Penido.

## SAÚDE

Se a violência teve as piores notas entre todos os campos, o item mais bem visto pela população foi as condições de saúde dos bebês e crianças de até 6 anos. Seis dos dez quesitos mais bem avaliados de todo o questionário pertencem a esse

grupo. Para a médica sanitária e coordenadora do Programa de Saúde da Mulher do Estado de São Paulo, Tânia Lago, o resultado reflete o acerto das políticas federais, estaduais e municipais de acompanhamento pré-natal.

Segundo Tânia, a receita foi ter definido metas claras a serem atingidas com o devido retorno dos resultados. “Esse modelo, definitivamente, pode ser adaptado e aplicado no enfrentamento de outros problemas sociais vividos pela população de baixa renda nos centros urbanos”, disse.

Outros dados que chamam a atenção são os relativos à higiene e à qualidade de vida das comunidades. Jovens reclamam

da qualidade do ar que respiram (3,8), da limpeza dos banheiros das escolas e da iluminação pública (ambas notas 4,3).

## FUTURO

Com os dados em mãos, a ideia do Unicef é melhorar significativamente os resultados dentro de um ano, quando uma nova pesquisa será feita nas mesmas áreas. Até lá, moradores, ONGs e agentes do poder público vão seguir um plano de ação elaborado em cada comunidade com as prioridades estabelecidas em cada uma. O prefeito Gilberto Kassab (DEM), quando ainda era candidato, em 2008, comprometeu-se com o objetivo. E a Secretaria Estadual de Segurança Pública também. ●

## NÚMEROS

**70%** dos entrevistados afirmaram que a segurança está piorando ou estável

**2,9** é a nota dada pela população ao relacionamento da polícia com a comunidade

**3,8** é a nota para a qualidade do ar na pesquisa entre crianças e adolescentes

**4,3** foi o conceito que crianças e adolescentes deram para a iluminação pública

**6** dos 10 quesitos mais bem avaliados são da área de saúde, com destaque ao acompanhamento da gravidez

**HARMONIA** – Crianças e jovens revelam boa relação com pais; na foto, Clayton e sua filha Kate



## Pai espera de filhos escolhas diferentes

Clayton sabe que desperdiçou chances

**A**s pessoas que existem por trás das notas e dados da pesquisa do Unicef são jovens como Clayton Menezes dos Santos, de 25 anos. Ele, quando adolescente, viveu pessoalmente a contradição entre o status do violento mundo do crime e um ambiente familiar que incentivava os estudos e a formação profissional.

Morador da Fazenda da Juta – uma comunidade em Guaianases, na zona leste –, Clayton se envolveu com amigos traficantes, apesar do es-

forço contrário do pai. “Ele me pagava curso de informática, gastava dinheiro que não tinha com a gente. O sonho dele era ver a gente formado. Mas moleque só quer saber de moto e balada. Quando vi, estava bebendo, fumando, cheirando cocaína, enquanto jogava videogame com o pessoal lá em casa.”

Como vários outros jovens com problemas parecidos, Clayton procurou uma igreja evangélica e uma ONG do seu bairro, chamada Cidade Residente. Hoje, está casado, quer fazer faculdade e espera, assim como seu pai um dia já tentou,

dar a vida que não teve para os filhos Samuel, de 7 anos, e Kate, de 2: “Quero que eles aproveitem a chance que joguei fora.”

Para a coordenadora do Unicef em São Paulo, Anna Penido, histórias como a de Clayton não são únicas. Ela acredita que a criminalidade nas periferias poderia ser minimizada se houvesse mais atividades complementares à escola, para reforçar a educação familiar que vários já recebem em casa.

“O estudo apontou que eles vão à escola, mas no outro turno não têm atividades para eles. As poucas organizações que estão disponíveis para isso são instituições religiosas ou ONGs. É superimportante que a gente possa fortalecer essa relação”, afirma. ● R.B.